

## MAPEAMENTO HISTÓRICO DO(S) PROTESTANTISMO(S) EM TERRA BRASILIS: O PROTESTANTISMO DE MISSÃO E A CONTRIBUIÇÃO DE ASHBEL GREEN SIMONTON

José Roberto de Souza<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo procura analisar os elementos que contribuíram para a propagação do que passou a ser denominado de Protestantismo de Missão, considerando o fato de que, quando o missionário Ashbel Green Simonton chegou ao Brasil (12 ago.1859), a religião oficial era apenas o Catolicismo Romano, e as demais religiões eram apenas toleradas, e acima de tudo limitadas e privadas dos seus atos cerimoniais. Procurar-se-á responder aos motivos que levaram o Protestantismo de Missão a não só ser propagado em solo brasileiro, mas, acima de tudo, fazer prosélitos, algo que era proibido por lei.

**Palavras-chave:** Identidade e Religião. Protestantismo brasileiro. Protestantismo de missão. A. G. Simonton.

### 1 INTRODUÇÃO

O Brasil cronologicamente é dividido em três períodos: Brasil Colônia (1500-1822); Brasil Império (1822-1889) e Brasil República (1889 em diante).

No primeiro período, ou seja, quando o Brasil ainda era colônia de Portugal, percebeu-se a tentativa de implantação do protestantismo em dois momentos: primeiro com os Huguenotes na Guanabara (1557-1558)<sup>2</sup>, e depois com os Holandeses no Nordeste (1630-1654)<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco. Mestre em História da Igreja pelo Seminário Presbiteriano do Norte. Especialista em Ensino de História das Artes e das Religiões pela Universidade Rural de Pernambuco. Bacharel em Teologia pelo SPN e pela UNICAP. Professor de História da Igreja e coordenador do Departamento de História no SPN.

<sup>2</sup> Para um melhor conhecimento desse período, ver as obras de: CRESPIAN, Jean, **A Tragédia da Guanabara**; LÉRY, Jean, **Viagem à terra do Brasil**; HACK, Osvaldo H., **Sementes do Calvinismo no Brasil Colonial**.

<sup>3</sup> Para um melhor aprofundamento dessa época, recomendamos a leitura das obras: SCHALKWIJK, F. Leonard, **Igreja e Estado no Brasil Holandês**; MELLO, José A. Gonsalves, **Tempos dos Flamengos**; BARLEUS, Gaspar, **História dos feitos recentes praticados durante oito anos no Brasil**.

Todavia, tais tentativas, mesmo tendo o seu valor histórico, não foram adiante. Após essas duas possibilidades tidas por alguns, como sendo “fracassadas”, só se notará a presença do trabalho protestante que “chegou ao Brasil para ficar, em meados do século XIX” (MENDONÇA, 2008, p. 121), isto é, em 1855 em diante, com a chegada do Dr. Robert Reid Kalley (1809-1888)<sup>4</sup>.

Luiz Antônio Giraldi afirma que a situação foi tão complicada durante esse período que até o simples acesso à Bíblia foi algo notório:

Até o final do século XVIII, a Bíblia era um livro praticamente desconhecido no Brasil. O fechamento dos portos brasileiros aos navios estrangeiros e o controle rígido que as autoridades religiosas exerciam sobre a entrada de todo o tipo de livro mantiveram essa situação inalterada até o final do século XVIII. Alguns poucos exemplares da Bíblia em francês e holandês chegaram ao País durante os séculos XVI e XVII, nas caravelas dos calvinistas franceses e holandeses, integrantes das expedições invasoras que desembarcaram nos Estados do Rio de Janeiro e Pernambuco. A situação somente começou a mudar no início do século XIX, quando foi liberada a importação de livros, e as primeiras Sociedades Bíblicas começaram a enviar Bíblias na língua portuguesa para o Brasil. Mas a distribuição regular das Escrituras só começou mesmo a partir da segunda metade de século XIX, quando as Sociedades Bíblicas enviaram seus representantes e instalaram suas Agências bíblicas no País (GIRALDI, 2008, p. 11).

Mendonça lembra que, “o século XVIII foi a era da Inquisição no Brasil. [...] uma lei proibiu que qualquer pessoa entrasse no Brasil a não ser a serviço da Coroa ou da Igreja” (MENDONÇA, 2008, p. 41). Relatos comprovam “que até a vinda da Família Real não houve mais protestantes no Brasil” (MENDONÇA, 2008, p. 41).

Há, portanto, uma lacuna de aproximadamente dois séculos de trabalho protestante no Brasil, ou seja, 1630-54 o trabalho realizado ainda no período da Colônia pelos holandeses, e só depois com a vinda do Dr. Kalley, em 1855. Com a chegada da Família Real em 1808, dois anos após, isto é, em 1810 foram feitos alguns tratados entre Portugal e Inglaterra que muito contribuíram para que houvesse uma tolerância entre os protestantes que residiam ou que pretendiam vir para o Brasil. O historiador e escritor Alderi S. Matos referindo-se a tais tratados lembra que:

---

<sup>4</sup> Robert Reid Kalley, natural da Escócia, foi missionário pioneiro no Brasil, tendo chegado ao Rio de Janeiro com sua esposa Sarah P. Kalley em 1855. Fundou a Igreja Evangélica Fluminense (1858), localizada no bairro da Saúde no Estado do Rio de Janeiro. Kalley foi oriundo do presbiterianismo, mas tornou-se congregacional. É tido como o pai do Congregacionalismo brasileiro.

Em fevereiro de 1810, Portugal e a Inglaterra assinaram dois importantes tratados, um de Aliança e Amizade e outro de Comércio e Navegação. O primeiro assegurou que a Inquisição não seria estabelecida no Brasil, ao passo que o segundo, em seu Artigo 12, pela primeira vez permitiu a prática legal do culto protestante no Brasil. O documento concedeu aos súditos britânicos e outros estrangeiros acatólicos 'perfeita liberdade de consciência' para praticar a sua religião, contanto que suas igrejas e capelas se assemelhassem externamente a casa de residência e não possuíssem sinos, bem como os protestantes não fizessem proselitismo entre os brasileiros nem pregassem contra a religião oficial (MATOS, 2000, p. 343).

Para uma visão mais ampla, é possível registrar na íntegra o artigo XII do Tratado do Comércio e Navegação que mostra a concessão de liberdade de culto e a tolerância aos acatólicos residentes no Brasil, bem como os limites que aos mesmos foram dados. Diz o artigo:

XII. Sua Alteza Real, o Príncipe Regente de Portugal, declara, e se obriga no seu próprio nome, e no de seus herdeiros e sucessores, que os vassallos de Sua Majestade Britânica, residentes nos seus territórios e domínios, não serão perturbados, inquietados, perseguidos ou molestados por causa da sua religião, mas antes terão perfeita liberdade de consciência e licença para assistirem e celebrarem o serviço divino em honra do Todo-Poderoso Deus quer sejam dentro de suas casas particulares, quer nas suas igrejas e capelas, que Sua Alteza Real agora, e para sempre graciosamente lhes concede a permissão de edificarem e manterem dentro de seus domínios. Contanto, porém, que as sobreditas igrejas e capelas sejam construídas de tal modo que externamente se assemelhem a casas de habitação; e também que o uso dos sinos não lhes seja permitidos para o fim de anunciarem publicamente as horas do serviço divino. Ademais, estipulou-se que nem os vassallos da Grã-Bretanha, nem quaisquer outros estrangeiros de comunhão diferente da religião dominante nos domínios de Portugal serão perseguidos, ou inquietados por matérias de consciência, tanto no que concerne a suas propriedades, enquanto se conduzirem com ordem, decência e moralidade e de modo adequado aos usos do país, e ao seu estabelecimento religioso e político. Porém se se provar que eles pregam ou declamam publicamente contra a religião católica, ou que eles procuram fazer prosélitas [sic], ou conversões, as pessoas que assim delinquirim poderão, manifestando-se o seu delito, ser mandadas sair do país, em que a ofensa tiver sido cometida. E aqueles que em público se portarem sem respeito, ou com impropriedade para com os ritos e cerimônias da religião católica dominante serão chamados perante a polícia civil e poderão ser castigados com multas, ou com prisão em suas próprias casas. E se a ofensa for tão grave e tão enorme que perturbe a tranquilidade pública e ponha em perigo a segurança das instituições da Igreja e do Estado estabelecidas pelas leis, as pessoas que tal ofensa fizerem, havendo a devida prova do fato, poderão ser mandadas sair dos domínios de Portugal. Permitir-se-á também enterrar em lugares

para isso designados os vassallos de Sua Magestade Britânica que morrerem nos territórios de Sua Alteza Real o Príncipe Regente de Portugal; nem se perturbarão de modo algum, nem por qualquer motivo, os funerais, ou as sepulturas, dos mortos. Do mesmo modo, os vassallos de Portugal gozarão nos domínios de Sua Magestade Britânica de uma perfeita e ilimitada liberdade de consciência em todas as matérias de religião, conforme o sistema de tolerância que se acha neles estabelecido. Eles poderão livremente praticar os exercícios da sua religião pública, ou particularmente nas suas casas de habitação, ou nas capelas, e lugares de culto designados para este objeto, sem que se lhes ponha o menor obstáculo, embaraço, ou dificuldade alguma, tanto agora como no futuro (REILY, 2003, p. 47-48).

Como bem se pôde notar, o Tratado supracitado garantia “a todos os residentes o direito de praticar a sua religião em particular, uma vez que não perturbasse a paz pública ou tentassem fazer prosélitos entre os brasileiros, presumivelmente católicos romanos. [...] as religiões acatólicas são apenas tolerada” (REILY, 2003, p. 48).

A cena se repete com a Constituição de 1824, pois, no seu artigo 5º, encontra-se a seguinte afirmação: “A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo” (REILY, 2003, p. 48).

Encontram-se ainda as Leis do Código Criminal: aplicação do “Artigo 5º”, as quais estavam relacionadas: à Ofensa à moral, à religião e bons costumes. Eis as leis e as penas que seriam aplicadas:

276. Celebrar em casa ou edifício que tenha alguma forma exterior de templo, ou publicamente em qualquer lugar, o culto de outra religião que não seja o do Estado: PENAS. No grau máximo – serem dispersos pelo juiz de paz os que estiverem reunidos para o culto, demolição da forma exterior, e multa de 12\$, que pagará cada um.  
277. Abusar ou zombar de qualquer culto estabelecido no Império, por meio de papéis impressos, litografados ou gravados, que se distribuam por mais de quinze pessoas, ou por meio de discursos proferidos em públicas reuniões ou em ocasião e lugar em que o culto se prestar.  
278. Propagar por meios de papéis impressos... que se distribuam por mais de quinze pessoas, ou por discursos em públicas reuniões doutrinas que diretamente destruam as verdades fundamentais da existência de Deus e da imortalidade da alma (REILY, 2003, p. 48-49).

Como bem pudemos perceber, mesmo diante dos Tratados de 1810, as condições não eram nada animadoras para os protestantes que aqui residiam, em

relação à propagação da sua fé. Todavia, o que parecia impossível, tornou-se possível, isto é, em meados do século XIX o protestantismo não só chegou para ficar, mas criou raízes e ramificou-se.

## 2 A CHEGADA DO PROTESTANTISMO DE MISSÃO NO BRASIL

É certo que antes da chegada do Dr. Kalley (1809-1888) em 1855 já havia protestantes no Brasil, por exemplo, “em maio de 1824 chegou ao Brasil o primeiro contingente de imigrantes protestantes: 334 luteranos alemães. Nos anos seguintes, um número muito maior” (MATOS, 2000, p. 343-344). Percebe-se também que entre os “registros pastorais: no período de 20 anos compreendidos entre 1850 e 1869, houve 471 batismos de crianças e apenas 71 cerimônias fúnebres” (CÉSAR, 2000, p. 47). Porém, é bom lembrar que esse trabalho era voltado especificamente para os imigrantes. Outro detalhe relevante quanto às dificuldades da propagação do protestantismo em solo brasileiro, é que, não bastassem os limites estabelecidos pela coroa portuguesa, a vida de alguns pastores protestantes não era das melhores. Havia um pastor chamado Carl Voges, que mesmo amado e estimado pelos colonos, tinha uma conduta estranha para um pastor de almas que, via de regra, deveria ser exemplar, mas não era o que acontecia em alguns casos. O pastor Voges, por exemplo, não era um bom modelo:

Fabricava e vendia cachaça, comprava e explorava o serviço de escravos (chegou a ter vinte escravos), ocupava-se mais com os interesses econômicos do que com a paróquia. Além da fábrica de cachaça, possuía uma olaria, um curtume, um armazém de secos e molhados para compra e venda, e ainda fazia grandes investimentos de capital em Porto Alegre. Enquanto os padres batizavam os negros recém-chegados com nomes portugueses. Voges batizava seus escravos com sobrenomes alemães, como a negra Adelina Schmitt, que todo mundo chamava de Picucha. Como pastor, Voges pregava, batizava, confirmava, casava e enterrava suas ovelhas, mas não as alimentava. Seus cultos consistiam na leitura de sermões e orações impressas. Quando a comunidade se cansava, ele pulava algumas páginas. Exerceu o ministério até morrer, em 1893, aos 92 anos [...]. Se os guias espirituais não tinham bom testemunho, quanto mais os fiéis! (CÉSAR, 2000, p. 75).

Comentando a condição do protestantismo que chega ao Brasil ainda no início do século XIX, tendo em vista o acordo de 1810, Forsyth diz que:

O protestantismo havia chegado ao Brasil, mas não como uma força militante. Tinha obtido reconhecimento oficial, mas seu testemunho fora anulado pelas restrições impostas sobre ele. Como resultado desta interferência mortal, nem a Igreja da Inglaterra e nem a Igreja Luterana tiveram qualquer participação na evangelização do Brasil (FORSYTH, 2006, p. 120).

Todavia, quando se afirma que a presença do trabalho protestante no Brasil só aconteceu definitivamente a partir de meados do século XIX, é pelo fato de que o trabalho protestante em solo Brasileiro é dividido em três momentos: Protestantismo de Invasão (isso no período da Colônia, com os Franceses e posteriormente com os Holandeses) trabalho esse realizado durante pouco tempo; Protestantismo de Imigração (após os tratados entre Portugal e Inglaterra em 1810) um trabalho realizado dentro de limites estabelecidos; e por fim, o Protestantismo de Missão (a partir de meados do século XIX), o qual, finalmente, veio com objetivo de propagar a fé protestante entre os brasileiros.

Quanto à inserção de fato do protestantismo brasileiro, Mendonça afirma:

O momento histórico da inserção do protestantismo na sociedade brasileira é meados do século XIX. As tentativas anteriores, seja pelas vias das expedições de conquista ou pela presença esporádica de protestantes, não chegaram a abalar no seu conjunto a hegemonia católica implantada com o descobridor e colonizador. Os protestantes invasores chegaram e se foram sem deixar traços. Os demais visitantes, viajantes, comerciantes e mesmo imigrantes (...), não chegaram a fazer do protestantismo talvez nada mais do que mera curiosidade por uma religião exótica. (...) Talvez seja por isso mesmo que, quando os missionários americanos começaram a percorrer o Brasil e a pregar, no intuito direto de conseguir prosélitos, tiveram entre seus ouvintes, mais de uma vez, os próprios padres do lugar, que os ouviam placidamente, e os recebiam em suas casas frequentemente com simpatia. O clima geral para com a nova religião que começava a ser anunciada, salvo para alguns elementos mais atentos do clero, era, paradoxalmente, de curiosidade, interesse e indiferença. A maioria do clero brasileiro, espalhado pelas vilas sertanejas, pacato e mais interessado, talvez na política e em seus próprios negócios, parecia estar mais curiosa do que preocupada (MENDONÇA, 2008, p. 179-180).

Um fato interessante é que, o Brasil só se tornou laico um ano após a República (1889), ou seja, a partir de 1890, porém, como bem se pôde perceber, os acordos de 1810 fizeram com que os protestantes fossem aos poucos alcançando o seu espaço:

Os tratados de Aliança e Amizade e Comércio e Navegação, celebrados com a Inglaterra em 1810, criaram um impasse para a

hegemonia católica, uma vez que a intolerância religiosa seria forte obstáculo à execução dos tratados, com conseqüentes dificuldades políticas à Coroa por causa de sua situação de dependência da Inglaterra. Assim, progressivamente, da Constituição de 1824 até a de 1891, foi sendo reduzida a hegemonia católica, e os protestantes foram conquistando o seu lugar no espaço social brasileiro. Vieram espalhando suas bíblias e praticando seu culto dentro de normas legais muito restritivas, tanto à propaganda religiosa como às formas arquitetônicas de seus lugares de serviço religioso. Assim, até 1824, ingleses, alemães, suecos e americanos chegaram e viveram sua fé conforme a situação lhe permitia. Os ingleses e os americanos constituíram comunidades religiosas fechadas à sociedade brasileira, ao passo que os alemães e os suecos, pela falta inicial de assistência religiosa, foram absorvidos pela sociedade abrangente ao ponto de grande parte deles abandonar a antiga fé (MENDONÇA, 2008, p. 42).

Há algumas perguntas significantes que de repente podem ser feitas, entre elas: qual era o ambiente do Brasil na ocasião em que é introduzido o Protestantismo de Missão? E outra é em relação ao procedimento desses missionários que aqui chegam, ou seja, o Brasil ainda era Império, a religião católica ainda era a religião oficial do Império, as leis para os protestantes ainda estavam em vigor. Isto é, os protestantes sabiam que não deveriam fazer prosélitos, que não deveriam pregar na língua portuguesa, etc. Todavia, não é o que acontece. Por exemplo, Simonton, quando chega, tem como objetivo aprender o português para pregar para os brasileiros, e é o que ele faz. Nesse caso, o que foi que houve da parte da coroa portuguesa/imperial e até mesmo do clero católico? Frouxidão ou tolerância? Forsyth relata um pouco do contexto dessa época e o ambiente propício para a propagação do evangelho:

Com relação ao clero, o número de clérigos nativos era reduzido ao mínimo; os monastérios estavam vazios e praticamente não havia voluntário para o sacerdócio. Aqueles que estavam nas ordens santas eram, em sua maior parte, negligentes com relação à moral e às doutrinas e inteiramente desprovidos de visão e zelo apostólicos. As igrejas das cidades tinham a prioridade e atraíam os poucos padres disponíveis, enquanto as comunidades mais afastadas no vasto interior do país tinham de se contentar com visitas ocasionais dos padres, geralmente por motivo de alguma festa do santo local. A simonia – compra e venda de coisas sagradas e espirituais – também era abundante. Na falta do padre, as próprias pessoas procuravam suprir suas necessidades espirituais. Qualquer pessoa dotada de uma mente mais interessada nos assuntos religiosos poderia liderar a comunidade numa recitação de reza, a novena. [...] Taís reuniões, nas quais a laicidade desempenhava tão proeminente papel, aliado ao amor pela música, prepararam o caminho para o culto evangélico. Estas pessoas tinham experiências em organização

de reuniões que um deles liderava. Conseqüentemente, não acharam estranho se reunirem numa casa, ao redor da Bíblia, e escutar a exposição ministrada por um deles mesmos. Uma coisa é certa eles aprenderam mais a verdade ouvindo a Palavra de Deus exposta por um humilde crente do que de todos aqueles anos acumulados na mais meticulosa observância dos dias de santos, ou até mesmo das exigentes cerimônias da Semana Santa! (FORSYTH, 2006, p. 121-122).

Há também dois fatores que em muito favoreceu a difusão da mensagem protestante em terras brasileiras durante esse período: Primeiramente, a atitude do jovem imperador Dom Pedro II, e, em seguida, a sua política de imigração. Forsyth contribui em afirmar que:

Dom Pedro tinha sido proclamado imperador quando seu pai foi deposto. Ele nascera no Brasil, e o povo o aceitava como um verdadeiro brasileiro; e, sob a tutela de Feijó, cresceu o amor de D. Pedro II por seu povo e seu país. Ele era um governante sábio e tolerante, interessado no bem-estar de toda a nação. Professava ser católico romano, mas tinha grande aversão por Roma. Simpatizava profundamente com o movimento que procurava romper com o Vaticano e deixava, assim, a igreja livre para sua verdadeira missão de ministrar às necessidades espirituais do povo. Era essencialmente um estudante das artes e ciências, e isso pode ter contribuído para seu profundo desprezo pela mensagem da igreja oficial. [...] O imperador, assim como seus ministros mais cultos, viram a necessidade de imigração e a encorajaram (FORSYTH, 2006, p. 123-124).

Era comum a atenção que o imperador D. Pedro II dava a alguns ministros do evangelho. Por exemplo, sempre tinha contato com o doutor Kalley. “Certa feita, este foi à casa de Kalley, que não pôde recebê-lo por está acamado. Mas quem tomou iniciativa de um novo encontro foi o próprio Dom Pedro” (CÉSAR, 2000, p. 83).

Todavia, por sua vez, isso também não significa dizer que a situação foi pacífica como um todo. Relatos históricos comprovam que, em vários momentos, houve atitudes de perseguição e intolerância aos protestantes por parte de alguns católicos. E o pior é que os protestantes, quando procuravam os seus direitos, nem sempre eram atendidos. Exemplo disso é o que se pôde ver no Jornal a **Imprensa Evangelica**<sup>5</sup>, datado em 3 de janeiro de 1874 publicado no Rio de Janeiro:

---

<sup>5</sup> O Jornal Imprensa Evangélica teve como redator principal o Rev. Simonton durante os seus três primeiros anos. “Circulou durante 28 anos (1864-1892), foi o primeiro periódico protestante do Brasil, pelo menos o primeiro em língua portuguesa. Os originais do número inicial foram levados à Tipografia Universal dos irmãos Laemmert no dia 25 de outubro de 1864, sendo publicado em 5 de novembro, com uma tiragem de 450 exemplares. Devido as ameaças sofridas por esses editores

No dia 18 de Dezembro p. p. reuniram-se varias pessoas de diferentes nações para lerem pacificamente as Escripturas Sagradas e darem culto conforme a Deus conforme a religião evangélica que professavam. Eram 7 ½ horas da noite, rua do Passo da Patria em S. Domingos. Pelas 8 horas foram interrompidas por pedradas que quebraram as vidraças e continuaram por quasi meia hora. Não appareceu patrulha nem autoridade. No dia 9 o inquilino da casa foi com um amigo dar parte ao sub-delegado do districto, que multou-os e declarou os ajuntamentos illicitos, e que não daria passo algum para a protecção dos assistentes. No dia 20 o interessado com três amigos dirigiram-se ao Sr. Dr. Chefe da policia, que não quiz escuta-los, dizendo que taes ajuntamentos eram prohibidos e que fossem fazer heresias no cume do Pão de Assucar. Informado d'estes successos fez o pastor da igreja da qual são membros os congregados, um requerimento ao subdelegado. O portador da petição foi insultado e trouxe uma resposta verbal no dia 24. No dia 26 indo-se buscar o despacho, foi dito que essa autoridade não estava para aturar sécas. No dia 27, o mesmo pastor, Dr. Roberto Reid Kalley, requereu ao chefe de policia que lhes dêsse garantias, narrando todo o ocorrido. Á essa petição feita nos devidos termos, deu o chefe de policia o seguinte despacho: \_ “Não tem lugar, nem concedo licença para taes reuniões. Secretaria, 27 de Dezembro de 1873.” \_ Hollanda Calvacanti. Este despacho illegal, vergonhoso, inquisitorial, é firmado por um magistrado brasileiro, que ao forma-se em direito, prestou juramento de manter a constituição do paiz, e que ao tomar posse do cargo que occupa, prestou sem dúvida, juramento de guarda e cumprir fielmente as leis, e não obstante, em face da constituição e das leis, não teve vergonha de dar este despacho ridículo a um requerimento que lhes pediu simplesmente o cumprimento de seus deveres officiaes. O Sr. Hollanda Cavalcanti deve saber que não lhe compete nem dar nem negar licença para taes reunões. Esta licença está consagrada na constituição do império, e a lei ordena ao magistrado que a torne effectiva, garantindo a todos os habitantes do paiz o gozo efetivo d'este direito inalienável do homem. O Sr. Chefe de policia por este seu acto está incurso nas penas do Codigo Criminal, Art. 180. Porque é que o governo, que está processando os bispos desobedientes, não chama a responsabilidade de seus delegados civis, que, ou por ignorancia ou perversidade, desprezam as leis do paiz e dasattendem aos avisos directos e positivos do próprio governo sobre a matéria em questão? Será por praticar e permittir desacatos d'esta ordem que o governo quer attrahir emigrantes para o Brasil? (EVANGELICA..., 03 jan. 1874).

---

protestantes, a partir do segundo número o jornal passou a ser impresso pela Tipografia Perseverança. Projeto inicialmente como um semanário, acabou sendo publicado duas vezes por mês. [...] O jornal era subvencionado pela missão norte-americana, sediada em Nova York. Em outubro de 1879 a redação foi transferida para São Paulo e os jovens pastores nacionais passaram a colaborar com artigos assinados. [...] O periódico voltou para o Rio de Janeiro em outubro de 1889 e novamente para São Paulo em maio de 1891, ali encerrando a sua carreira no ano seguinte.” Cf. MATOS, Alderi Souza, A Atividade Literária dos Presbiterianos no Brasil, In: **Fides Reformata**, vol. XII, n. 2, 2007, p. 45.

Como se nota, o fato de os protestantes estarem acobertados pela lei, em face do direito que lhes era dado em relação ao culto que eles podiam professar, nem sempre essa lei era observada de forma honesta e correta. Diante do relato supracitado, os protestantes não estavam reunidos num local que aparentava ser uma igreja, nem tampouco, a lei dava direito para que houvesse tal procedimento em relação às atitudes de baderna por parte dos católicos, os quais agiram com violência apedrejando o lugar que os protestantes estavam reunidos. Por sua vez, as autoridades não só foram omissas, mas apoiaram tais atitudes.

### **2.1 Simonton: o primeiro missionário presbiteriano no Brasil**

É certo que os registros históricos relatam a chegada do doutor Robert Kalley, cinco antes de Ashbel Green Simonton (1833-1867), ou seja, enquanto Kalley chega em 1855, Simonton, por sua vez, só chega em 12 de agosto de 1859. Todavia, Simonton é considerado por alguns como sendo o primeiro missionário no Brasil. O motivo é que o doutor Kalley fez um trabalho independente, isto é, ele não tinha nenhum vínculo com uma junta missionária. Ele não foi enviado por alguma agência missionária com o objetivo de evangelizar no Brasil. Diferentemente, Simonton foi enviado por uma junta missionária, e tinha o objetivo de alcançar os brasileiros.

Isso não significa que o trabalho realizado pelo Dr. Kalley seja menos importante do que o trabalho feito pelos missionários que de fato foram enviados por uma junta de missões. Simonton considerava e muito o trabalho feito pelo Dr. Kalley. Certa ocasião, ao visitar o Dr. Kalley, Simonton ficou admirado “e se maravilhou com tudo o que o doutor havia alcançado sozinho, sem a ajuda de qualquer sociedade missionária” (FORSYTH, 2006, p. 162).

“O Brasil foi o sexto país a receber missionários da Junta de Nova York, começando com o pioneiro Ashbel Green Simonton, que chegou ao Rio de Janeiro, então capital do Império, em 1859” (MATOS, 2004, p. 13).

Na realidade “a implantação da obra presbiteriana no Brasil resultou dos esforços das igrejas norte-americanas, que ao longo de muitas décadas fizeram um enorme investimento de pessoal e recursos em muitos pontos do território brasileiro” (Idem, Ibid., p. 13). Nessa época, só existia a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América (PCUSA), isto é, a Igreja do Norte. Pois a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUS), conhecida como Igreja do Sul, surgiu somente a partir

de 1861, sendo ela consequência da Guerra Civil que eclodiu nos Estados Unidos (1861-1865).

Os dez primeiros anos do trabalho missionário do presbiterianismo brasileiro foram feitos somente entre os obreiros da Igreja do Norte. Os missionários da Igreja do Sul começaram a chegar a partir de dez anos após a vinda de Simonton, ou seja, a partir de 1869.

Simonton era tão certo do que queria e do seu objetivo no Brasil que, numa das primeiras conversas que teve com o doutor Kalley, resolveu registrar no seu diário o conteúdo desse encontro:

Tive uma conversa com o Dr. Kalley. Ele acha a missão oportuna, e missionários americanos os mais convenientes para levá-la a efeito porque seu ministro e cônsul poderão dar-lhes proteção, ao passo que os ingleses não o fariam. Insiste em que eu me mova em segredo; julga que seria melhor que as sociedades que mandam missionários para países papistas tivessem fundos operacionais secretos. Acha que é tempo de começar a pregação em português e que já há pessoas prontas a sofrer por Cristo. Quanto a serviços religiosos para os americanos, inclina-se a desaconselhá-los. Não posso concordar com ele neste ponto. Acredito que além de ser útil a eles, posso também adquirir uma posição segura e tê-los como aliados. Minha presença e meus objetivos aqui não podem ficar escondidos; portanto minha esperança está na proteção divina e no uso de todos os meios prudentes de defesa. O futuro não pode ser previsto; portanto, busco a orientação da sabedoria infinita e em tudo me submeto à sua direção. Sinto-me encorajado pelo aspecto das coisas e esperançoso quanto ao futuro. Existem indicações de que um caminho está sendo aberto aqui para o Evangelho (SIMONTON, 2002, p. 127).

Talvez por causa da recente comemoração ao Sesquicentenário da Igreja Presbiteriana do Brasil (1859-2009), Simonton tornou-se um pouco mais conhecido, mas, ainda é pouco o conhecimento que a maioria dos presbiterianos tem a respeito do grande pioneiro do presbiterianismo no Brasil. O historiador Alderi contribui em informar:

Ashbel Green Simonton nasceu em West Hanover, Condado de Dauphin, na Pensilvânia, no dia 20 de janeiro de 1833, no seio de uma família de origem escocesa-irlandesa. Seu nome foi uma homenagem ao Rev. Ashbel Green (1762-1848), pastor da 2ª Igreja Presbiteriana de Filadélfia, capelão do Congresso americano, presidente do Colégio de Nova Jersey e um dos fundadores do Seminário de Princeton. O menino era o filho mais novo do Dr. William Simonton, um médico que também abraçou a carreira política, tendo sido eleito duas vezes para o Congresso dos Estados Unidos. A mãe de Ashbel, Martha Davis Snodgrass, era filha do Rev.

James Snodgrass, que pastoreou por 58 anos a igreja presbiteriana local. Desde cedo, o menino recebeu as melhores influências morais, intelectuais e espirituais da fé presbiteriana em que foi criado. Com a morte do pai e do avô materno em 1846, a família mudou-se para a cidade de Harrisburg, a capital do estado, onde Ashbel concluiu os estudos secundários (MATOS, 2004, p. 23).

Simonton formou-se na Academia de Harrisburg (1847), e, posteriormente, ingressou no colégio de Nova Jersey, o qual foi fundado pelos presbiterianos em 1746, que depois se tornou a conceituada Universidade de Princeton. Com dezenove anos, terminou os seus estudos, em 1852. Dois anos depois, em meados de 1854, Simonton passa por uma “crise” da escolha de uma carreira. Alderi comenta:

Deixando de lado o interesse pelo magistério, optou pelo estudo do Direito, embora reconhecesse algumas dificuldades éticas quanto ao exercício da advocacia. Começou a estudar por conta própria um famoso compêndio do jurista inglês William Blackstone. Em março de 1855, foi alcançado por um reavivamento ocorrido em Harrisburg. Após um período de luta espiritual, fez a sua profissão de fé no dia 6 de maio na Igreja Presbiteriana Inglesa, também conhecida com Igreja Presbiteriana de Market Square (filiada à “Nova Escola”), assumindo os votos feitos por seus pais, que o haviam consagrado ao ministério por ocasião do seu batismo. Três anos depois, em 22 de maio de maio de 1858, Simonton seria um dos membros fundadores da Igreja Presbiteriana de Pine Street, filiada à “Velha Escola” (MATOS, 2004, p. 24).

Depois de um bom tempo de “conflito” quanto à escolha que deveria fazer, Simonton finalmente resolveu ir estudar no Seminário, sem saber ainda o que Deus tinha reservado para ele:

Em junho de 1855, Simonton ingressou no Seminário de Princeton, em Nova Jersey, fundado em 1812. Teve como colega o irmão James Snodgrass Simonton, quatro anos mais velho, ao qual se refere muitas vezes em seu Diário. Ainda no primeiro semestre de estudos, um sermão proferido pelo professor de teologia Dr. Charles Hodge (1797-1878) o fez pensar seriamente em dedicar-se à obra missionária no exterior. Em 1856, passou três meses de férias em Iowa, na companhia do irmão Thomas, como colportor da Junta de Publicações. Em virtude de uma entrevista com o Dr. John Leighton Wilson, um dos secretários da Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana (Junta essa criada em 1837), sua atenção voltou-se para Bogotá como seu campo de trabalho. Porém, quando se candidatou formalmente perante a Junta de Missões, em 25 de novembro de 1858, citou o Brasil como o campo de sua preferência. Sua nomeação como missionário ocorreu no dia 6 de dezembro. Tendo sido licenciado pelo Presbitério de Carlisle em 14 de abril de 1858, foi ordenado pelo mesmo presbitério exatamente um ano mais

tarde, no dia 14 de abril de 1859, no templo da Igreja Reformada Alemã, em Harrisburg. Seu sermão de prova baseou-se em Atos dos Apóstolos 16:9. À noite, o culto de ordenação, pregou o seu tio materno, Rev. William D. Snodgrass, do presbitério de Hudson, que falou sobre Apocalipse 14:6. Pouco depois, Simonton conheceu o seu futuro cunhado e colega de trabalho Alexander Latimer Blackford (MATOS, 2004, p. 24-25).

Um trabalho missionário e, acima de tudo pioneiro, nem sempre foi esse o objetivo que Simonton tinha em mente, até porque não tinha essa convicção, mas, no seu **Diário**, Simonton resolveu registrar o impacto que teve no dia 14 de outubro de 1855, após ouvir o sermão do Dr. Hodge:<sup>6</sup>

Hoje ouvi um sermão muito interessante do Dr. Hodge sobre os deveres da igreja na educação. Falou da necessidade absoluta de instruir os pagãos antes de poder esperar qualquer sucesso na propagação do Evangelho e mostrou que qualquer esperança de conversões baseada em uma obra extraordinária do Espírito Santo comunicando a verdade diretamente não é bíblica. Esse sermão teve o efeito de levar-me a pensar seriamente no trabalho missionário no estrangeiro. O pequeno sucesso que aparentemente apresentam as operações missionárias tinha me levado a não pensar em ser missionário, mas vejo que estava enganado. Que os pagãos devem ser convertidos a Deus está claramente revelado nas Escrituras, e estou convencido de que esse dia se aproxima rapidamente. Os que agora trabalham estão preparando o caminho e Deus não deixará que seu trabalho seja em vão. Quem lança os fundamentos receberá galardão igual ao de quem faz o acabamento do edifício. Eu nunca havia considerado seriamente o dever de trabalhar no estrangeiro; sempre parti do princípio de que minha esfera de trabalho seria em nosso país, tão grandioso e que cresce tanto. Pois agora estou convencido de que devo considerar seriamente essa possibilidade: se a maioria prefere ficar, não será meu dever partir? (SIMONTON, 2002, p. 96-97).

Finalmente depois da convicção dada por Deus, Simonton viaja e desembarca no Rio de Janeiro no dia 12 de agosto de 1859. Simonton registrou a sua chegada no Brasil:

Sexta-feira, 12 de agosto de 1859, 09h30min da manhã. Estou acordado desde as quatro da manhã observando as manobras para adentrar o porto contra o vento e a maré. É um lugar lindo, o mais singular e impressionante que já mais vi. Nunca teria imaginado tal porto, com beleza sublime, protegido de ventos e ondas, e capaz de defesa contra ataques de mar ou de terra. Está em uma baía rodeada de curiosas ilhas de pedra, altas e sólidas. Algumas parecem ovos flutuando na água com uma das pontas para cima;

---

<sup>6</sup> Charles Hodge (1797-1878), notável teólogo calvinista, professor no Seminário de Princeton desde 1820 até o final da sua vida. Grande expoente da chamada "Teologia de Princeton".

outras, a outra ponta. Nos topos de algumas, igrejas ou casas de lazer se equilibram. Uma dessas casas parece ninho de ave em cima de uma torre de igreja, a quase 1.100 pés de altura. A entrada do porto tem somente meia milha de largura; de um lado há um arrojado promontório, sobre o qual está a fortaleza de Santa Cruz, com pesados canhões protegendo as muralhas; do outro lado alteia-se o Pão de Açúcar a uma altura de 1.220 pés. Estamos ainda a entrada na entrada do porto, mudando de curso a cada minuto, ora na direção do forte, ora chegando a pequena distância do Pão de Açúcar. A água é tão profunda que a única preocupação dos navegantes é não quebrar o mastro horizontal da proa batendo de um ou outro lado. A cidade está a cerca de duas milhas, sobre uma grande extensão de vales e montanhas; brilha ao sol com suas paredes caiadas de branco. Fazendo fundo para essa linda pintura, há uma cadeia de morros altos e montanhas. Desfiz-me de minha roupa de viagem, dando-a ao cabineiro em agradecimento pelos serviços que me prestou durante a jornada. Estou pronto para desembarcar (SIMONTON, 2002, p. 125).

Após o seu desembarque no Rio de Janeiro, Simonton resolveu durante o período da tarde cumprir alguns compromissos, ou seja, entregou algumas cartas de apresentação, encontrou-se com o cônsul, e etc. Nos seus relatos, expressou certa admiração com a variedade de opções de refeições, bem como achou interessante alguns hábitos peculiares do Brasil:

Jantei. Sentei-me perto da Sra. Scott, a esposa do cônsul; fiquei conhecendo a Srta. Roberts, que está morando em Botafogo até sua casa nas montanhas ficar pronta. Ela me recebeu com muita cordialidade. Tivemos um jantar excelente: primeiro sopa, depois, o que quisesse; então torta de alguma coisa parecida com batata doce, muito boa; afinal laranjas como nunca havia provado. São muito grandes, pesadas e sólidas e têm sabor delicioso. Existe a mesma diferença entre essas laranjas e as dos Estados Unidos que há entre uma maçã seca e enrugada e outra fresca e succulenta. Havia vinho à mesa e palitos de dentes. Está é uma peculiaridade do Brasil: palitos estão sempre à mesa e são usados por damas e cavalheiros. Por último serviram charutos aos senhores, e o servo apresentou a cada um uma vasilha com brasas de carvão para acendê-los. Estivemos à mesa quase duas horas e nos divertimos muito (SIMONTON, 2002, p. 126).

No ano em que Simonton chegou ao Brasil, alguns fatos curiosos estavam acontecendo no mundo:

Em 1859, foram lançados três livros que redirecionaram muita gente: A origem das espécies, de Charles Darwin, Crítica da política econômica, de Karl Marx, e O que é espiritismo, de Allan Kardec. O planeta tinha um bilhão de habitantes. A população dos Estados Unidos (30 milhões) era três vezes maior que a do Brasil (10 milhões), e a da capital do Império não passava de 250 mil

habitantes. Dom Pedro II, o último imperador do Brasil, tinha então 37 anos (CÉSAR, 2000, p. 86).

O Rev. Simonton era bastante jovem quando chegou ao Brasil, tinha apenas 26 anos. Era solteiro e chegou só. Somente no ano seguinte foi que chegou o seu valioso colaborador, o seu cunhado Rev. Blackford, e posteriormente Schneider, Chamberlain, e outros.

Não foi fácil para o jovem pastor. Distante da sua terra natal, dos seus entes queridos e amigos, Simonton tinha dificuldades com língua portuguesa. Ele relata no seu Diário a sua constante luta para aprender a língua portuguesa:

18 de novembro de 1859 \_ O que mais me interessa agora é aprender a língua. Começo a reprovar-me por perder tempo, pois este é o meu primeiro dever, e enquanto não completar, não tenho condições de ser útil aqui. Procurei o Sr. Eubank e ofereci-me para dar aulas de inglês a seus filhos a fim de aprender com eles português. Ele falou-me de um cunhado que quer muito aprender inglês e agora estou entrevista com ele. Esta manhã escrevi um recado para o Dr. Pacheco na esperança de que ele possa ajudar-me. Se não tiver sucesso em nenhum desses casos, vou colocar anúncio no jornal. 26 de novembro de 1859 \_ Todos os esforços que fiz até agora para aprender o português não tiveram sucesso [...]. 2 de dezembro de 1859 \_ Finalmente fiz um pequeno progresso para aprender o português mais rapidamente (SIMONTON, 2002, p. 132-133).

Seu trabalho, no início, limitou-se aos estrangeiros. Porém a perseverança do jovem pastor Simonton, fez com que o mesmo progredisse na aprendizagem da língua, e pela graça de Deus, ele pôde afirmar que no dia 22 de abril realizou uma Escola Dominical na sua própria casa. Essa foi uma programação diferente de todas as outras realizadas antes, pois Simonton afirma que esse “foi o seu primeiro trabalho em português” (SIMONTON, 2002, p. 142).

Finalmente, quase um ano após a sua chegada no Brasil, Simonton começou a receber a presença dos seus primeiros e principais cooperadores, ou seja, o seu cunhado Blackford e sua esposa Elizabeth (irmã de Simonton). Não bastassem as inúmeras dificuldades com o idioma, a cultura, etc., esses pioneiros passavam por várias dificuldades antes mesmo de chegarem até aqui. Por exemplo, a própria viagem já era, por si só, um tremendo desafio. No caso particular que serve como modelo para os demais foi a própria viagem do Blackford e da sua esposa: “Após uma tumultuada e perigosa viagem marítima de três meses, o casal chegou ao

Brasil em 25 de julho de 1860, quase um ano após a chegada de Simonton” (MATOS, 2004, p. 32).

No final de março do ano de 1862 Simonton “tirou férias” e retornou aos Estados Unidos. Na realidade, desejava visitar a sua mãe que estava doente, mas, ao chegar, soube que ela já tinha falecido. Neste ínterim, conheceu a Jovem Helen Murdoch, com a qual veio a casar-se em 19 de março de 1863. Já de volta ao Brasil, agora casado e a esposa grávida, Simonton expressa a sua gratidão a Deus: “Estou outra vez no meu posto, agora casado, e se a esperança não mentir, em breve saberei o que é ser pai. Tenho muitas razões para ser extremamente grato a Deus” (SIMONTON, 2002, p. 164). Simonton não esquece de agradecer a Deus pelo seu primeiro aniversário de casamento: “Hoje é o primeiro aniversário de nosso casamento, um dia de amáveis recordações e sentimentos de gratidão. Foi um ano de bênçãos quase sem interrupção” (SIMONTON, 2002, p.164).

Finalmente, chega o dia de Helen dar à luz: Nasce uma menina. O nascimento foi complicado. Simonton relata: “Nossa primeira filha acaba de nascer às onze horas, e já se passaram vinte e cinco minutos. Deus seja louvado por sua bondade... A lembrança dos sofrimentos de Helen está ainda muito vivida para que pense na criança” (SIMONTON, 2002, p. 164). Todavia, as complicações do parto não cessaram, e em 28 de junho de 1864, com apenas 30 anos, a jovem Helen Murdoch faleceu, devido às complicações resultantes do seu parto. Da união nasceu uma menina, que veio a ser criada pelo casal Alexander e Elizabeth Blackford (cunhado e irmã de Simonton). Simonton compartilhou a sua dor e também a sua gratidão a Deus pelo testemunho de Helen antes da sua partida:

28 de junho de 1864 \_ Deus tenha piedade de mim agora, pois águas profundas rolaram sobre mim. Helen está estendida em seu caixão na salinha de entrada. Deus a levou tão de repente que ando como quem sonha. 1 de julho de 1864 \_ (...) Embora tão inesperado, alegra-me saber que a morte encontrou minha querida esposa preparada. Ela era tímida, insegura, vagarosa em expressar a certeza de estar em Cristo; entretanto, na hora da prova estava calma e em paz. Quando às 3 horas da manhã voltei do médico, ela me perguntou: “Como estou? Não esconda nada de mim.” Contei-lhe meus temores. Disse-me: “Ore por mim”, mas acrescentou logo: “Não, eu orarei por mim mesma.” Muito quieta e calma ela orou mais o menos com essas palavras: “Senhor Jesus, venho a ti, não que eu tenha algum valor, sinto que não tenho. Tenha piedade de mim e receba-me, Senhor Jesus.” Então orei como pude. Logo depois ela disse: “Acredito que quero ir.” Durante a minha ausência ela disse a Louisa, que chorava: “Louisa, não se preocupe, eu estou pronta.”

Bendigo a Deus porque a surpresa desse golpe não me deixou carente de preciosas palavras de consolo e desse testemunho de que seu salvador estava com ela no vale escuro (SIMONTON, 2002, p. 164-165).

Apesar de todas as lutas, o pioneiro do presbiterianismo no Brasil continuou firme nos seus objetivos e no seu serviço ao Senhor. Como bem se pôde perceber, Simonton teve inúmeras dificuldades no seu trabalho missionário aqui no Brasil: a língua portuguesa, a solidão, a perda “precoce” da sua amada esposa, e como não bastasse, ele mesmo foi acometido de uma grande enfermidade que ceifou a sua “precoce” vida. O professor Alderi relata os últimos momentos de Simonton:

Em 27 de novembro de 1867, Simonton chegou pela última vez em São Paulo. Um dos motivos da visita era ver a filha Helen, que estava sendo criada por sua tia, Elizabeth S. Blackford. Outra razão é que o missionário achava-se enfermo do fígado e esperava que a viagem e o clima salubre da capital paulista trouxessem melhoras à saúde. Ele frequentemente queixava-se em seu Diário das altas temperaturas do Rio de Janeiro e das constantes epidemias. A chegada a São Paulo não trouxe o alívio desejado: acometido de uma febre violenta, seu estado agravou-se nos dias seguintes. Um artigo para a Imprensa Evangélica que começara a escrever logo que chegou, não pôde ser concluído. Apesar dos bons cuidados médicos que recebeu e da assistência dos familiares, o Rev. Simonton veio a falecer na madrugada do dia 9 de novembro de 1867, poucas semanas antes de completar 35 anos. O diagnóstico da causa da morte foi “febre biliosa”. O falecimento ocorreu na casa do Rev. Blackford, na Rua Nova de São José, local onde também se reunia a Igreja de São Paulo, sendo o sepultamento realizado no recente Cemitério dos Protestantes, no bairro da Consolação. O côsul americano, James Monroe, redigiu um documento exaltando as qualidades do patricio falecido e expressando o pesar da comunidade norte-americana. O próprio jornal católico O Apóstolo, que manteve constante controvérsia com a Imprensa Evangélica, manifestou o seu sentimento (MATOS, 2000, p. 29-30).

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se este artigo lembrando que o Rev. Simonton, apesar de ter vivido aparentemente tão pouco, o seu trabalho é de valor incalculável. Partiu o jovem Simonton, mas ficou o seu legado: a fundação da Primeira Igreja Presbiteriana do

Rio de Janeiro, em 12 de janeiro de 1862<sup>7</sup>; A criação do Presbitério do Rio de Janeiro, solenemente instalado no dia 16 de dezembro de 1865 na cidade São Paulo, que era composto de três igrejas: Rio de Janeiro (1862), São Paulo (1865) e Brotas (1865); A criação do chamado **Seminário Primitivo**<sup>8</sup>, cujas aulas iniciaram no dia 14 de maio de 1867 (Simonton foi um dos professores), existiu por apenas três anos, mas formou os primeiros pastores de língua portuguesa; Lançou o primeiro periódico protestante do Brasil, que foi o jornal a **Imprensa Evangélica**, o qual circulou durante 28 anos.

## HISTORICAL VIEW ABOUT THE PROTESTANTISMS IN TERRA BRASILIS: THE PROTESTANT MISSIONS AND THE CONTRIBUTION OF ASHBEL GREEN SIMONTON

### Abstract

This paper analyzes the factors that contributed to the spread of the Protestantism Mission, considering the fact that when the missionary Ashbel Green Simonton arrived in Brazil (08/12/1859) the official religion was the only Roman Catholicism and other religions were merely tolerated and above all limited and deprived of their ceremonial acts. The search will try to show the reasons that did led the Protestantism of the Mission not only be propagated in Brazilian soil but above all difficulties proselytizing, something that was forbidden by law.

**Keywords:** Identity and Religion. Brazilian protestantism. Protestantism mission. A. G. Simonton.

### REFERÊNCIAS

CÉSAR, Elben M. Lenz. **História da Evangelização do Brasil: Dos Jesuítas aos Neopentecostais.** , Viçosa-MG: Editora Ultimato, 2000.

---

<sup>7</sup> Simonton organizou a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, em companhia do colega recém-chegado Francis J. C. Schneider, ocasião em que foi celebrada pela primeira vez a Ceia do Senhor. Admitiu formalmente à igreja os seus dois primeiros membros, curiosamente estrangeiros: o americano Henry E. Milford, agente da companhia Singer de máquinas de costura, e o português Camilo Cardoso de Jesus. (Cf.: MATOS, 2004, p. 26).

<sup>8</sup> Além de Simonton e seu colega Schneider quem também foi professor foi o pastor luterano Carlos Wagner. Apesar de tão pouco tempo de funcionamento essa instituição formou quatro notáveis pastores nacionais: Antônio Bandeira Trajano, Miguel Gonçalves Torres, Modesto Perestrello Barros de Carvalhosa e Antônio Pedro de Cerqueira Leite. (Cf. MATOS, 2004, p. 29).

FORSYTH, William B. **Jornada no Império: Vida e obra do Dr. Kalley no Brasil**, FIEL, Traduzido do original em Inglês: *The Wolf From Scotland The Story of Robert Reid Kalley*. Tradução de Maurício Fonseca dos Santos Junior. 1ª ed., São Paulo. 2006.

GIRALDI, Luiz Antônio. **História da Bíblia no Brasil**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

INTOLERANCIA e Prepotencia Vergonhosa. **Jornal A Imprensa Evangelica**. Rio de Janeiro, 3 de janeiro de 1874.

MATOS, Alderi S. **Eventos Marcantes da História do Cristianismo no Brasil**. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2000.

\_\_\_\_\_. **Os Pioneiros: Presbiterianos do Brasil (1859-1900): Missionários, Pastores e Leigos do Século 19**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

\_\_\_\_\_. A Atividade Literária dos Presbiterianos no Brasil. In: **Fides Reformata**. Vol. XII, n. 2, 2007.

MENDONÇA, Antônio Gouveia. **O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2008.

REILY, Duncan Alexander. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 2003.

SIMONTON, Ashbel Green. **O Diário de Simonton: 1852-1866**. Trad. de D. R. de Moraes Barros. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.